

Avô Silveira

Luis Mesquita de Melo

*Everywhere immigrants have enriched
and strengthened the fabric of American life*

John F. Kennedy

1

Manuel Silveira de Melo. O avô Silveira. No outro dia não me lembrei do seu primeiro nome e chamei-lhe José. Foi como se me tivessem atirado uma pedrada. Como se o tempo me tivesse atraído e escondesse o seu nome na sopa de letras do jornal de domingo ou simplesmente o houvesse deixado escorregar para debaixo da ilha, pelo alçapão onde todas as lembranças se vão perdendo de vista. Inesperadamente, e ao mesmo tempo que me esqueci do seu primeiro nome, lembrei-me da alcunha por que ficou conhecido daquele lado do Pico, o “Maravilhas”, coisa que ainda hoje me intriga por não lhe descortinar na vida nenhum feito que pudesse ter-lhe avalizado a distinção de um nome artístico. A fazer lembrar um mágico ou um ilusionista. Mas fez certamente coisas maravilhosas, o avô Silveira. E uma delas foi, com certeza, atravessar um mar inteiro e depois um continente de ponta a ponta, para plantar espargos.

2

O avô Silveira era um homem alto. Cresceu e viveu sempre direito como as araucárias para depois, acompanhando o arco do sol ao final do dia, curvar-se sem querer numa genuflexão prolongada do tronco, como se fosse dobrado aos poucos por uma rajada de vento que não acaba mais. À medida que foi envelhecendo, o corpo foi-se-lhe entortando numa reverência permanente, com os ossos da espinha vergados a noventa graus, o ângulo mais apertado do *ojigi*.¹ E assim, quando deixou de poder olhar a direito para diante e o sol se agachou como ele no chão do horizonte, entrou na morte, curvado e com o respeito devido pelo que deixava atrás e pelo que poderia estar à sua espera lá à frente. Mas enquanto as raízes o mantiveram aprumado, e os ossos tiveram vontade própria, o avô Silveira caminhou com os olhos à altura da copa dos pinheiros do mistério², que nenhum vento dobra. O avô Silveira tinha umas mãos grandes como nenúfares e uma pele da cor da lenha que espigava das encostas altas da ilha. Cedo os cabelos esbranquiçaram como as neves invernosas da ponta do Pico. Tinha uma

¹ Palavra japonesa para “curvar-se” ou “arco”, é *ojigi* (お辞儀). A reverência em arco é uma das principais formas pelas quais as pessoas no Japão mostram respeito umas às outras.

² “Mistério”, em geologia, é o nome dado nos Açores às formações lávicas recentes, em particular às originadas por erupções ocorridas após o povoamento das ilhas. Estas extensas escoadas lávicas, foram vistas como algo de incompreensível e misterioso e daí o nome.

voz prática sem moldar rodeios nas palavras e a ciência da vida escoava da conversa em provérbios inventados que lhe saíam da boca como teses de doutoramento.

3

A freguesia de São João estava dividida em duas companhias, a companhia de cima e a companhia de baixo, cada uma delas habitada por não mais que umas, poucas, dúzias de famílias semeadas em casas de pedra vulcânica ao longo da única estrada que circundava a ilha e rompia mistérios como um rio de basalto embalsamado pelo tempo. Uma curva da estrada dividia as duas companhias como se fossem dois estados federais fundados em princípios de direito administrativo insondáveis e espertezas políticas que eram aguerridamente salivadas com vinho morangueiro num botequim apanhado de surpresa pela linha da fronteira onde os dias tinham mais horas do que as que eram precisas. Não era, obviamente, a mesma coisa ser-se da companhia de baixo ou da companhia de cima. O avô Silveira nasceu na companhia de cima e ali cresceu com a convicção inabalável de que a ter passado nalgum lado, São João teria, com toda a certeza, escolhido a companhia que era a do avô Silveira onde abençoara abundantemente os fregueses daquele lado da fronteira.

4

A terra e o mar davam quase tudo quanto era preciso para viver nas graças de São João, o qual, por sua conta e risco, tratava do lado espiritual das coisas. Cultivava-se a terra, destilava-se o vinho que brotava como riachos das videiras entravadas nos currais de magma arrefecido, criavam-se os animais de quintal que andavam à solta por ali à espera de um golpe de misericórdia em dia santo, pescava-se o peixe relampando à vista desarmada no azul hipnótico do mar que escurecia de morte junto às pedras negras da costa. A vida naquele lado da ilha começava e acabava na largueza imutável do mar que estacionara à frente da freguesia como uma janela para o infinito e, do outro lado do infinito, a oeste do sul, a América, como um sonho ou um jogo mental.

5

O tempo rolava numa lentidão áspera. Como um comprimido que se dissolve debaixo da língua. Todos os azuis de todas as cores azuis viáveis combinaram-se na anarquia cromática daquele mar e foram abrindo aos poucos um rasgão no horizonte para outros sítios onde os relógios andam mais depressa. E se não há outro mar como aquele, incontestavelmente azul, de cá em lá um transatlântico feito de ferro e outras possibilidades manchava o azul vazio, a caminho da América. O avô Silveira, ainda rapaz novo, foi-se ausentando aos poucos da companhia de cima, ainda e só na ideia de um navio que regenera o tempo quando levanta o ferro.

6

Os dias castigavam-se uns aos outros sem outra lei que não fosse renascerem sempre iguais na mesma luta do dia que já era ontem: amanho a terra que é pouca e torta, plantar os tomates, as batatas e as alfaces, malhar o milho, cavar, vindimar, podar a latada que dá sombra aos dias abafados de verão, esmagar as uvas, dar de comer à bicharada que engordava nem tanto nos currais, tratar da capoeira, cortar a lenha, forrar o chão da adega com as agulhas frescas dos pinheiros, lavrar e adubar, semear, sulfatar, colher, arrancar as ervas daninhas, que havia muitas e teimosas, debulhar o trigo, carregar o milho até ao moinho, apanhar a fruta, retelhar os buracos do vento e da chuva, baldear a água da cisterna, e tudo o mais que enche os dias sem remédio ou ajuda divina já sem levar em conta a escola

que não foi muita mas o suficiente para aprender a ler e fazer contas e almejar que a descendência alcance mais longe, que a viagem também se faz de palavras e os dedos, ainda que das duas mãos, nem sempre chegam para fazer as contas do futuro.

7

O avô Silveira palmilhava a pé os matos todos da freguesia, lá bem para cima nas encostas altas da montanha onde o ar começa a faltar e quase se avistava a América. Naquele tempo não havia outra forma de viajar que não fosse a penantes, trepando as escarpas incertas da ilha, atravessando os mistérios forrados de pinheiros e sombras a cheirar a silêncio, saltando de rocha em rocha onde a costa se entrega ao mar de facas afiadas. O mundo inteiro começava e acabava na estrada à volta da ilha que levava a lado nenhum, e nada acontecia no mundo inteiro que não chegasse ali como a ressonância moribunda de coisas que se passaram há já muito tempo numa outra galáxia longínqua. Não se saía dali e não se chegava ali. O sol há-de nascer um milhão de vezes de um parto atlântico incandescente e há-de matar-se outro milhão de vezes, despenhando-se contra o horizonte como se mergulhasse de um penhasco em chamas e entre o nascer e a morte, e entre a morte e o nascer do sol, a vida na companhia de cima, do outro lado do Pico, continuará a mesma, sempre a mesma, na gaguez dos dias lisos. Vivia-se e morria-se ali pregado a uma cruz de lava enterrada nas costas do tempo.

8

E nas costas do tempo que não anda, o avô Silveira conheceu Cristina. Não que as alternativas fossem muitas, mas Cristina, que era Alvernaz, fogueira num arraial de São João que se era padroeiro que o fosse para alguma coisa e, sendo o arraial no largo do mistério, na companhia de cima, abençoados fossem os dali. E antes que o São João invertesse a maré, bailou-se a “chamarrita” e o mistério deixou de ser mistério revelando ao avô Silveira que ali mesmo casaria um dia, que não era para logo, e havia de esperar melhores tempos que com o amor trouxessem também uns dólares, porque de carências e casas de pedra fria já bastava as de um e o avô Silveira sempre aprendera a ler nos livros da quarta classe e nas cartas que chegavam do outro lado do mar. E isso da América era coisa que já o arreliaava há algum tempo desde que ouvira as histórias dos parentes emigrados nos *States* e de como se ganhava dinheiro à séria na terra do tio Sam.

9

Até que um dia, não muito distante daquele em que os olhos grandes da Cristina derreteram cruzeiras feitas de lava fria de centos de anos, no meio de uma saca de roupa da América com outros cheiros e letras que se juntavam de uma forma que o avô Silveira nunca vira, vinha também uma carta de chamada. Um tio do avô Silveira emigrado na Califórnia convocava-o numa caligrafia desenhada com tinta refinada e extravagâncias americanas, para trabalhar com ele num campo de espargos em Sacramento. Ali, dizia o tio, trabalhava-se com luvas e outras regalias que poupavam o corpo e amaciavam os dias compridos. O salário juntava tantos dólares que quase davam para um ano de gastos em São João. Os ares tinham outra leveza e havia de tudo o que um homem pode imaginar e o dinheiro podia comprar. As estradas eram lisas e sem fim como o mar em dia de calmaria. Não havia lá nada de vulcões e outros acidentes que entortassem os caminhos e desfigurassem a paisagem em pedras negras e mistérios e não se via um maroiço que fosse a estragar a planície suave de campos verdes de espargos. Tudo estava geometricamente arrumado como se a terra fosse plana e sempre acabada de cultivar por obra e graça do Espírito Santo e a ajuda preciosa de máquinas que faziam quase tudo. Não havia vendavais de sudoeste nem o mar a trovejar como se quisesse afundar a ilha.

Até as camas amorteciam o corpo como se fossem nuvens amestradas, que só de pensar na casca de milho onde o avô Silveira acomodava os costados era razão suficiente para atravessar um oceano. Que de tudo isto já o avô Silveira desconfiava só de ouvir falar.

10

E se é verdade que o corpo e a alma precisam de conforto, não é menos verdade que uns dólares redondos sempre subsidiavam os desígnios imateriais da vida. O avô Silveira viu-se assim embaraçado entre os olhos grandes de Cristina que lhe prometiam pores do sol mais intensos para os lados do mistério e as mansas planícies da Califórnia onde os espargos cresciam verdes da cor dos dólares com que o tio adoçava as cartas da América.

11

A paixão do avô Silveira por Cristina trouxe, por conseguinte, na sua fervura anunciada, uma demora. A demora da América. A América que lhe tinha sido almoedada pelo tio com a garantia de um futuro melhor e que se havia de intercalar no presente daquele amor. E assim o avô Silveira, precavendo-se das tentações de um outro arraial que apanhasse São João distraído e escarnecesse da sua bênção, que não estava afiançada contra as eventualidades de uma ausência prolongada do outro lado do mar, pediu solenemente Cristina em casamento. Ficasse esta, por assim dizer, abrigada de uma “chamarrita” mais ousada que pudesse descarrilar aquela paixão no esmorecimento da distância. Feita a devida publicitação na freguesia e no resto da ilha, o pedido de casamento, que aceite foi, constituía assim o supremo penhor da castidade da noiva e a promessa de uma espera virtuosa pelo tempo que durasse a ausência do avô Silveira por terras americanas, a qual, dúvidas não houvessem, decorreria com o mesmo grau de resguardo que era esperado de Cristina. Mais vale lavar o nosso ao longe que o alheio ao perto, poder-se-ia dizer proverbialmente de tão conveniente e oportuno pedido de casamento.

12

Não foi certamente desenganado que o avô Silveira iniciou os preparativos da viagem para a América. O memorial daquele intervalo americano que o avô Silveira se impunha na sua juventude seria todo ele escriturado no sonho de voltar a São João o mais depressa possível. A única razão da partida era o regresso e entre uma e o outro só as saudades acrescentariam castigo aos dias, com o mesmo vigor com que os espargos cresceriam sulfatados dia após dia com as lágrimas e o suor do avô Silveira.

13

A partir destes dias, o avô Silveira arrastou consigo pela freguesia uma âncora de basalto maciço que o prendia ali, ao fundo, com o acrescento do peso da montanha, a força das raízes das vinhas no sufoco dos currais, o cheiro das amoras silvestres, a dormência apaixonada do vinho morangueiro, aquele mar que não saía da frente, a chuva que mal chegava ao chão, as pedras negras da costa sobreviva, o horizonte que o amordaçava de boa vontade, o mistério que o derrubava nas tardes mornas de vento Sul, o cheiro das manhãs que traziam o pão fresco e o leite no badalar das juntas de bois já cansadas da claridade, uma caçoila com o toucinho entalado no meio dos cubos de carne como se fosse um coração alvo de noiva que se derrete na boca... enfim, os despojos dos dias tranquilos que agasalhavam a felicidade e as certezas, inconscientemente, sem nada em troca que não fosse perderem-se na memória, sendo então apenas isso, restos.

E mais depressa que a surpresa de um aguaceiro quente de Agosto, que chega sem se declarar em dias claros de Verão, o dia da partida também chegou, fulminante e impenetrável na crueza do adeus. Feitas as promessas de fidelidade eterna, arrumados os poucos pertences numa velha mala de couro que nunca saíra dali e encomendada a alma ao tio da América num abraço que demorou a despertar, o avô Silveira viajou até ao Faial onde iria apanhar o vapor da Fabre Line³ que o levaria até Providence, Rhode Island. Uma primeira viagem curta, de cinco milhas apenas, mas que marcava o início de uma outra até ao outro lado do mar e emblemava por si só a asfixia de qualquer partida que aperta o pescoço com as duas mãos. Mais ainda, tratando-se uma partida para um lugar desconhecido e sem tempo certo, que só assim é verdadeiramente partir. O avô Silveira embarcaria no transatlântico *Patria* num dia sem registo certo, que pouco importa, porque nesse dia o Pico viu-se até bem mais longe.

De pé na amurada do *Patria*, o avô Silveira deixou-se agasalhar nas cores do entardecer que chegaram mais franzidas e sós que todos os enterros de todos os dias mais tristes. Provavelmente balbuciou um adeus vazado numa oração entre dentes. As despedidas matam sempre qualquer coisa que não chega a partir nem é capaz de ficar. Qualquer coisa que morre precocemente, como um por do sol que se frustra nas nuvens do horizonte. Não há pior dor do que aquela que se antecipa à própria vida como uma congeminação apenas. Cristina ficava à espera sem saber o que esperar e o avô Silveira partia sem saber o que deixava para trás, na esteira do *Patria* desvanecendo as ilhas.

O avô Silveira era marinheiro. Sentira-o nas várias vezes que atravessara o canal e, para ele, o mar apenas desdobrava os caminhos para além da ilha, manso ou bravo. Os dias de mar foram, por isso, acontecendo ocos e indeterminados no marasmo do vazio oceânico. A rotina a bordo alongava o tempo e as entredúvidas do futuro. A América construía-se aos poucos nas tardes passadas no convés a separar prolongadamente os vários tons do azul circundante. Habitadas as pernas ao balanço largo do navio, a vida decorria normalmente sem o desconforto do enjoo a atormentar as recordações de Cristina, recordações essas que tinham também embarcado, clandestinamente, com destino à mesma América.

Nestes tempos, o tempo andava mais devagar, o mundo era maior como se crescesse à medida que o tempo demorava mais. A lonjura era também, naturalmente, mais longe. Tão longe quanto o tempo que uma carta da América levava de caminho até chegar a São João. O oceano era mais comprido e

³ A Fabre Line ou Compagnie Francaise de Navigation a Vapeur Cyprien Fabre & Compagnie era uma empresa de navegação constituída em 1881 que assegurou a única ligação transatlântica entre a Europa e o sul da Nova Inglaterra durante o início do século XX. Operava nos portos de Nova Iorque, Providence, Rhode Island, Boston, Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, Madeira, Lisboa, Salonica e Atenas, Beirute, Líbano, Nápoles, Alexandria, Constantinopla, Mónaco e Marselha. Durante cerca de 20 anos, a partir de 1911, esta empresa recebeu um subsídio do Governo Português para assegurar uma carreira entre Lisboa e Nova Iorque, com escalas nos Açores, em Ponta Delgada, Angra do Heroísmo e Horta, e ainda em New Bedford.

maçador e uma travessia levava o tempo de uma volta completa ao mundo à vela nos dias que hoje correm. Cada milha lentamente percorrida encerrava em si uma versão diferente daquela viagem. Mas foi, assim, baralhado e com a consciência da distância que o afastava anos luz de São João, que o avô Silveira chegou a Providence e desembarcou na *Lonsdale Dock*, trôpego de tanto mar, cansado de um além-mundo de céu que não mais acabava e aturdido das saudades que se foram alimentando de estrelas e de milhas e cresceram do tamanho daquela separação. Valeram-lhe a comida e o sono que quanto mais devagar melhores.

18

As primeiras coisas que se experimentam na chegada a terra são sempre a vertigem de um chão que desmente o andar e os cheiros. Providence cheirava a perfume, tabaco queimado e comida de rua. As ruas estavam cheias de gente que vestia de tudo um pouco: fatos de macaco, vestidos compridos, fatos de três peças, gangas como no Oeste. O barulho fervia por todo o lado, nas ruas, nas casas, nos restaurantes, em sirenes que atravessavam o ar como balas sem destino. As casas tinham pórticos apalaçados e acotovelavam-se com casinos, cabarés, lojas, botequins. Toda a companhia de cima, e a de baixo, caberiam num simples quarteirão da Main Street. As pessoas viviam umas em cima das outras e debitavam milhões de palavras das quais o avô Silveira não pescava nem uma, ainda para mais faziam-no numa correria louca como se o mundo fosse acabar antes do final de cada frase. O relógio de bolso do avô Silveira começou a andar mais depressa, apenas para acompanhar o ritmo desenfreado daquela cidade. Uma cidade em que o avô Silveira talvez nunca tenha chegado a entrar.

19

Muito provavelmente terão sido acontecimentos mais ou menos banais que passaram ao lado do avô Silveira, perdido na chegada ao novo mundo, mas por volta daquela altura abria em Providence o Hospital *Miriam*, terminava a construção do *Industrial Trust Building*, conhecido como o Edifício Superman, o escritor local H. P. Lovecraft publicava na revista *Weird Tales* a sua mais famosa história *The Call of Cthulhu*, era fundada a Sociedade Vedanta, pouco tempo depois abria a secção sul da *Washington Bridge* e os democratas ascenderiam ao poder, onde se aguentariam até aos anos 70, na que ficou conhecida como a revolução sem sangue. Tudo isto entre a gripe espanhola e a grande depressão.

20

Em Providence, o avô Silveira iniciou a não menos longa viagem de comboio até à Califórnia. A América desfilou em cinemascope pelas janelas do comboio. O aparato da paisagem entrou-lhe pelos olhos dentro e alojou-se numa zona recôndita do gostar onde ele não conseguia chegar de livre vontade. As longas planícies que mais pareciam mar aberto, apenas separado do céu por um risco preto de horizonte, os poços de exploração de petróleo que faziam lembrar corvos a bicar o chão, as cores da saudade a crescerem já por todo o lado, mal começara ainda a aventura americana, a imensidade da terra que se seguiu à constância interminável da água, o caminho sempre para longe, mais longe. O avô Silveira mal dormiu durante a travessia do continente americano, talvez de excitação, talvez de um cansaço que desperta ainda mais, talvez por ver coisas que nunca tinha visto. Em Sacramento, o tio da América esperava-o, vestindo um fato que brilhava mais do que a farda da filarmónica sanjoanense e um sorriso que tinha ouro plantado nos dentes. Verdade seja dita, a América era um catálogo de milagres que o tio fazia questão de estampar em si próprio.

A Califórnia é o estado que mais espargos produz nos Estados Unidos. Produ-los durante sete meses por ano com o pico entre março e maio. Entre o vale de Sacramento a norte e o vale Imperial no sul, são três as principais zonas de produção de espargos na Califórnia: o delta do Rio São Joaquim em Sacramento, a costa central (Monterey e San Benito) e o vale de São Joaquim. Nos tempos idos do avô Silveira, Sacramento produzia ambos os espargos verdes e os brancos. Hoje em dia apenas se cultivam os espargos verdes. Os espargos podem ser plantados diretamente através de sementes ou pela transplantação de rebentos com cerca de um ano das estufas para os campos de espargos. Os rebentos são normalmente colocados num rego e a terra aconchegada à sua volta para formar uma cama. As fileiras de espargos distam umas das outras cerca de quinze a trinta centímetros. Duas fileiras correndo paralelamente com cerca de um metro e meio de largura darão 17.000 a 20.000 plantas por acre. Os espargos ocupam a terra cultivada entre oito a dez anos.

Os dias do avô Silveira na América deslizaram na lentidão daquele intervalo como um degredo. Os dias eram passados nos campos de espargos e as noites num colchão de nuvens, que o tio não o enganara quando lhe sugeriu que a América valia a pena também pelo dormir. O trabalho era árduo porque os capitalistas americanos espremiavam o sumo de cada dólar no suor alheio como se aquele tivesse o valor do último copo de água no deserto. Os verões eram quentes e os invernos moderados. O dia de descanso semanal era passado a recordar as encostas altas do Pico donde se avista o fim do mar, a bonança dos entardeceres à beira do mistério apenas sobressaltado pelo grasnar das gaivotas ecoando na costa, o cheiro dos pinheiros e da terra amolentada pelo perfume da chuva, o sabor rústico e autêntico da caçoila, a mansidão dos dias avagarando o saborear da vida atlântica.

Mas, sobretudo Cristina. O amor, eclipsado na escuridão súbita de uma noite de lua nova quando mais forte bateu e se entranhou depois na pele como um mergulho de verão que arrepiava e salga até à alma. Um amor descontinuado como um precipício levado às costas naquela viagem. Que deixa de ser como as coisas que se tocam e sentem e passa a ser apenas um pensamento, uma accidentalidade que dói. Há emigrantes que nunca chegam a imigrar deveras porque a alma fica atrás. O avô Silveira foi seguramente um deles e a vida na América prosseguiu, mas com o coração errando num outro fuso horário, num outro meridiano que rasga o oceano a meio como um rio de lava incandescente, como o leito duma ferida aberta que não sara.

O avô Silveira nunca mudou a hora do velho relógio de bolso que o pai lhe dera, como se as contas que tinha de fazer para saber a quantas andava na América lhe acalmassem o espírito na indulgência das recordações atlânticas, pelo menos por algumas poucas horas. Mas naquele lado das horas, no meridiano real de todos os dias, as horas mais atrasadas demoravam a passar e o tempo ia cozendo os dias e as semanas com as linhas da saudade, na mesma delonga, como se fosse isso tudo o que restava da América de costas curvadas sobre os campos de espargos que também demoravam a crescer e apenas traziam a consolação dos dólares que sempre foram do género feminino, como uma mulher difícil de conquistar. As “dólas”, assim pronunciava o avô Silveira.

Amanhar a terra foi o dia a dia da vida toda do avô Silveira. Fosse num fragmento de terra trancado na geometria empenada da vertente da ilha, fosse nos parques alqueires que enganavam o basalto em volta da casa da companhia de cima, fosse na vastidão repetitiva das planuras exaustas da Califórnia que a vista alcançava a custo, o destino cumpria-se na terra, à sombra da montanha do Pico ou no desentendimento da América. Amealhadas as “dólas” suficientes para inverter a ausência, cedo começou o avô Silveira a pensar no regresso ao Pico. Não fosse Cristina mudar de ideias. O dinheiro já poupado, com a coragem dos ermitas, daria para construir uma casa a sério na companhia de cima, daquelas com soalho de madeira, estuque bem branco e telhas de ardósia encaixadas num bordado à prova das chuvadas densas de sudoeste, daria ainda para comprar umas terras e o resto seria depositado no banco para pagar um dia mais tarde os estudos de um filho que haveria de ir mais longe do que a escola do professor Maciel na companhia de baixo ou os campos de espargos do outro lado do mundo.

E assim, ao fim de cinco anos, o avô Silveira iria voltar para São João do Pico. Cinco anos que passaram como uma pena de prisão numa planície sem grades. Num fuso horário aldrabado para enganar a distância. O avô Silveira resistiu na América quebrada e deprimida dos anos trinta menos tempo do que dura uma planta de espargos rebentando de novo todos os anos. Ao fim de cinco anos secaram-lhe as forças para rebentar outra e mais outra vez, como as plantas. E nos campos de espargos do vale de São Joaquim, a meio da vida que o avô Silveira lhes dera, regando-os com a sabedoria dos pinheiros salgados de mar e a força dos vulcões, chegara finalmente o tempo de arrumar a América na mesma velha mala de couro que viajara meio mundo cheia de sonhos e se fecharia vazia de saudades e uma mancheia de “dólas” para outro meio mundo de viagem de volta ao mistério das ilhas.

A alegria do regresso abotoa o peito com um nó que vai apertando até se desfazer no abraço da chegada. É uma dor de contentamento que vai convalescendo na expectativa do reencontro e avivando as lembranças na certeza de voltar. Adeus América. América dos campos de espargos. América das desigualdades, dos sonhos gastos, do trabalho escravo, da plutocracia, da intolerância, da hipocrisia, do puritanismo bacoco, da discriminação, do racismo. América dos *cowboys* fingidos. América das fábricas trituradoras das almas e das planícies sem mar. América dos imigrantes. Tudo isto viu o avô Silveira. Tudo isto pensou o avô Silveira enquanto o comboio engolia a planície sem fim, ávido de distância como um índio finalmente livre. Tudo isto aprendeu o avô Silveira na simplicidade da ciência da vida e das dores nas costas vergadas sobre os espargos.

É-se sempre mais livre no regresso a casa. Do lado da América, o sol caía, já desamparado, inglorio, sem outro destino que não seja levantar-se e cair, levantar-se e cair, todos os dias, como um pugilista que não consente perder. Do lado do mar, o horizonte era um traço vincado a carvão, definido, nítido como a frecha de uma gateira aos pés do céu. E entre uma coisa e outra, o *Patria* largou as amarras e deixou Providence para trás. No convés, o avô Silveira fixa o olhar no horizonte, não lhe interessa o que fica para trás. A luz branda de uma noite azul ilumina um veio de prata lunar assinalando o rumo do *Patria*. Ao lado do avô Silveira, o revisor da memória dorme em paz porque não há mais nada a fazer. Apenas chegar a casa.

Depois de cinco anos, o mesmo pacote, transatlântico e nobre, navega, desta vez para oriente, riscando dos fusos horários as horas sós que apartaram o avô Silveira do Pico e, sobretudo, porque de ilhas está o mundo cheio, da ilha onde Cristina o espera. A cada dia que passa, o *Patria* avança cortando as águas como uma lâmina separando os finos sedimentos da memória com que o tempo conservou as saudades flutuando à tona daquele mar. Os dias são longos e tormentosos e o oceano parece maior e as marés contrárias à vontade de chegar. Até que, por fim...

O dia estreou-se com muitas possibilidades. A maior delas era sem dúvida o abraço de Cristina. As nuvens salpicavam o céu de nódoas brancas, ao acaso, como um rebanho tresmalhado incapaz de tapar o azul enérgico. O mar estava mais raso que as planícies da Califórnia. Um prenúncio de alegria. O *Patria* prepara-se para chegar, mecânico e indiferente às histórias que desembarca em cada porto. O avô Silveira ajeita nervosamente o fato de três peças, de um fulgor mais arrojado, que o tio lhe impingiu, último resquício da América dissipando-se nas cores temperadas do anticiclone. A corrente do relógio pende-lhe do bolso do colete como uma espia pronta a amarrar de novo o tempo às ilhas. O chapéu de feltro apertado na fronte contém-lhe o turbilhão de emoções que lhe sacodem a cabeça e protege os cabelos que agrisalharam precocemente sob o sol californiano. Os olhos humedecem e espelham as cores do dia, não se sabe se do vento se da chegada que se anuncia. O Pico aparece primeiro, ainda na distância, como uma baleia azul a querer furar as nuvens.

As últimas milhas do *Patria* custaram como um pesadelo que não deixa chegar. Durante cinco demorados anos foram sobretudo as cartas a sustentar as recordações de casa, cartas mais ou menos longas, com uma ou outra frase desajeitada, muitas vezes numa ortografia trêmula, na pressa de dizer, de contar coisas, de estar ilusoriamente mais perto, cartas sempre resignadas, sem cheiros nem imagens, sem o toque da pele ou a verdade do olhar. Cartas escritas à laia de rol de mercearia que o avô Silveira nunca foi poeta e as palavras fugiam-lhe como pássaros assustados... A terra firme foi-se aproximando e com ela os aromas límpidos das ilhas, todos caldeados no baú da memória. O *Patria* atracou finalmente na Horta quando os últimos raios de sol apenas subsistiam por vontade das nuvens mais altas que os deixavam pousar já pálidos de fraqueza. O avô Silveira desembarcou com a certeza dos conquistadores e a humildade dos sonhadores. Viajou meio mundo só para voltar ali e começar outra viagem, quem sabe mais comprida e sinuosa nos caminhos de basalto e do amor de Cristina. Para o avô Silveira a terra onde nascera valia muito mais do que o que trazia dentro de si.

Cristina chorou e riu à beira do mistério. Esperar cinco anos por um amor é obra. Estava cinco anos mais bonita. A camioneta apitou antes da última curva e nesse apito nervoso e hesitante ressoaram todos e cada um dos muitos dias em que a mesma camioneta chegou ali vazia, sem ser mais do que um sobressalto no silêncio da freguesia. O avô Silveira desceu bem direito e a brilhar na sua roupa americana. O cheiro dos pinheiros entonteceu-lhe os passos, por momentos, apenas até ao abraço que o endireitou de novo e o fez renascer na terra que foi e voltava a ser a sua.

Sobre as vinhas e em cima do mar, os tempos que se seguiram foram de recomeço e construção: recomeço da família que tinha sido apenas uma promessa, construção duma casa e do resto duma vida para ficarem encostadas ao mistério, sacudidas apenas pelo crepitar meigo dos pinheiros em dias de ventania. Primeiro, e sem outras delongas, foi o casamento, com a pompa e circunstância que os anos da América ajudaram a condimentar e um dia contente coloriu de branco a noiva e de rosa as suas faces honradas. Depois, foi a construção da casa, com a dignidade duma mancheia de dólares amealhados debaixo do sol da Califórnia, ali mesmo ao lado da ermida, no alto da companhia de cima, onde só chegam os deuses e adormece o vento Sul nas tardes completas de verão. Uma casa com um balcão virado a poente para ir envelhecendo muito devagar, debaixo de uma latada de uva Santa Isabel, encadeado pelos ocasos que escondem a América, invisível agora na distância e no tempo.

O sol há-de nascer um milhão de vezes de um parto atlântico incandescente e há-de matar-se outro milhão de vezes, despenhando-se contra o horizonte como se mergulhasse de um penhasco em chamas e entre o nascer e a morte, e entre a morte e o nascer do sol, a vida na companhia de cima, do outro lado do Pico, continuará a mesma, sempre a mesma, na gaguez dos dias lisos. E foi essa a vida que o avô Silveira escolheu porque outra diferente não quis conhecer na América. Esqueceu-se do relógio de bolso na confusão de uma gaveta cheia de coisas americanas inúteis e rapidamente voltou ao ritmo das horas sem pressa, dos meses sem calendário, dos passos vagarosos para chegar a lado nenhum, da indolência dos entardeceres vazios no abrigo da latada, dos vagarosos minutos crepusculares que prolongam as cores infinitamente, da limpidez inatingível do silêncio noturno da ilha.

A contratempo da monotonia ineludível que tomava conta de tudo, só mesmo o casamento com Cristina e, passado algum tempo, o nascimento do filho despertaram no avô Silveira uma perpétua sensação de felicidade. Os dólares americanos iam subsistindo não só na lembrança do quanto custaram a ganhar, mas sobretudo como resultado do pouco que havia para gastar na freguesia. Não sem alguma desconfiança congénita, mesmo assim, o avô Silveira depositou o que restou da construção da casa no banco, à espera do tempo, já não muito distante, em que deles precisasse para os estudos do filho que com certeza não se havia de ficar pelas vistas curtas do São João.

Quis, no entanto, a má sorte que o banco falisse e que o avô Silveira perdesse grande parte das poupanças feitas na América que se evaporaram assim na imaterialidade de uma conta bancária. Como um manto de nuvens negras que cobre abruptamente a ponta do Pico com um simples sopro do diabo. Os cinco anos passados na América cravaram-se para sempre na memória do avô Silveira como uma coroa de espinhos. Como se aquele tempo se perdesse uma segunda vez na falência de um banco onde o avô Silveira depositara as suas costas cansadas da planície californiana e as mãos gretadas dos campos de espargos.

Mas a vida não acabou ali. Nem a desilusão se intrometeu no regresso às ilhas de céu-aberto. O filho haveria de trilhar o seu próprio caminho do outro lado do canal, dando explicações, trabalhando na rádio, escrevendo para os jornais, tudo para pagar os estudos onde não chegaram os dólares, e haveria de ser grande à sua maneira, e o avô Silveira pôde envelhecer feliz, sentado à janela do sótão da Rua do Mar, do lado de cá do Pico, admirando o canal e os navios chegando do outro lado do mar e partindo para o outro lado do mar com os mesmos sonhos que um dia também o levaram a partir, deslumbrando-se todos os dias com o feitio imprevisível do Pico, como se nunca tivesse saído dali e não se deixasse enganar, contando-me histórias de uma viagem à América longínqua.

O sol há-de nascer um milhão de vezes de um parto atlântico incandescente e há-de matar-se outro milhão de vezes, despenhando-se contra o horizonte como se mergulhasse de um penhasco em chamas e entre o nascer e a morte, e entre a morte e o nascer do sol, a vida na companhia de cima, do outro lado do Pico, continuará a mesma, sempre a mesma, na gaguez dos dias lisos.